

Título da Exposição:

Contar o conto

Palestrante:

Dra. Birke Mersmann¹

(Tradução Danielle Naves de Oliveira)

¹Birke Mersmann é doutora em Sociologia pela Universidade Livre de Berlim (1995), formada em História, Ciência Política, Pedagogia e Psicologia. Atua desde 1977 como psicoterapeuta, supervisora e formadora de profissionais da área terapêutica e social. Tem experiência docente nas universidades de Marburg, Frankfurt, Leipzig, Meissen e Mittweida. É autora do livro *O que resta do heroísmo (Was bleibt vom Heldentum)*. Berlim: Reimer, 1995), no qual relata e analisa memórias de soldados alemães e seus familiares após a Segunda Guerra Mundial. Viveu e pensou ao lado de Dietmar Kamper, teórico do corpo e das imagens, com quem cultivou uma rica coautoria de ensaios. Dedicar-se atualmente ao pensamento interdisciplinar da contingência, do romantismo, da queda e do pecado original.

(1) Da felicidade da brecha

Todo contar, assim como o contar sobre o contar, precisa de um outro que escute. Por isso, antes de qualquer coisa, eu gostaria de agradecer a vocês por me escutarem. E, claro, obrigada de coração a este evento pelo convite. E: obrigada, Norval; obrigada Danielle.

Para começar, gostaria de contar como cheguei a este tema. O convite de vocês chegou a mim por uma brecha [*Lücke*], num vão que se deu entre o fim da minha carreira profissional, onde ainda atuo de forma reduzida, e algo ainda indefinido, como “*o que será feito a partir de agora dessa parte de mim?*”

Brechas são geralmente associadas a luto ou desconsolo — “ei, arranje rápido algo novo pra fazer!”. Porém, a lacuna tem ainda um outro lado: em alemão, *Lücke* — o vão ou a brecha — é parente de *Luke*, a fresta. E frestas são normalmente pequenas aberturas, discretas, escondidas, são lugares de atravessamento pelo olhar [*durch-schauen*], de um conjunto de aberturas propícias, *Ge-Luk*, de onde vem — e não apenas linguisticamente — a felicidade, *das Glück*. Portanto, é realmente uma felicidade que o convite de vocês tenha chegado a mim justamente por uma brecha!

(2) Da felicidade de vadiar [*streunen*]

No tempo da brecha — ou na brecha de tempo —, eu me recolhi por alguns dias na região de Odenwald, uma serra com florestas bem “*no coração da velha Europa*” e, ali fiz caminhadas, vaguei, vadiiei [*herumgestreunt*]. *Streuner*, os vadios, hoje em dia, são pessoas que não gozam de boa reputação. É gente sem endereço fixo, que pode inclusive surrupiar coisas! **Mas:** essa **palavra**, *Streuner*, o vadio, vem do antigo germânico *Striuna*, cujo significado é “aquela que procura tesouros”, figura que naquele tempo só existia em versão feminina! Nietzsche, que não era tanto um vadio, mas certamente alguém que buscava e coletava, chama seu tesouro de “as colmeias do conhecimento”. [In: introdução à *Genealogia da Moral*]

As *Striunas* são basicamente nômades. Elas sempre voltam para a estrada. E a estrada, ou o caminho, se cria enquanto se caminha, diz Unamuno. Sobre isso, Norval possivelmente acrescentaria: caminhos — como textos — podem ser criados **somente** enquanto se caminha. Foi assim que, em algum momento daquela caminhada, surgiu o tema da minha fala hoje, **o contar**, *das Erzählen*. Será que o motivo foi aquela região que, há séculos, é especialmente rica em sagas e contos? Ou terá sido a-caso?

(3) O acaso ou a sombra de Deus

O acaso é a sombra de Deus, diz uma máxima árabe. Após a “morte de Deus”, precisamos, sim, nos aliar ao acaso. Contingência diz respeito àquilo que nos cai, nos acomete. Nos toca. E inclusive: aquilo que nos cabe e vice-versa. Tal tipo de casualidade deve ser assumida: com a sombra de Deus não há negociação. Mas o que tem a ver o conto com acaso, ou mesmo com Magia? Como me “cai” aquilo que conto, aquilo que hoje conto a vocês sobre o conto? Como me cai o que escuto? Como é que os contadores chegam a seus contos? Será que “disponho” do que tenho para contar? será que me é permitido?

Em 1905, Picasso teria afirmado que nada mais procura, apenas encontra. Porém, o que é necessário para encontrar? Ou ainda: o que é necessário para se deixar ser encontrado?

(4) Da felicidade de contar

Como propõe o tema do evento, elementos afetivos estão em todas as relações que importam. Tanto faz se a intenção dos contos é entreter, proteger ou ensinar — eles sempre tocam a emoção de quem os escuta. Com os contos, nós nos enredamos e nos tecemos uns nos outros. Fios afetivos nos enlaçam numa rede comum.

Todo conto é o começo de uma nova experiência. E „Toda semente também é uma promessa, a narrativa de um futuro ...” (Norval sobre Rubens Matuck S. 49)

E cada conto nos faz assumir, enquanto audiência, a responsabilidade: “Cada pessoa que escuta a estória precisa tomar as palavras daquele que conta e fazer delas as suas próprias”. (Sara Gran, *The Bohemian Highway* S. 100)

(5) O conto e a narrativa

Erzählen em alemão significa contar, – em latim é „enumerare“ e em francês „racconter“ — não tem necessariamente a ver com números ou cálculos, mas com “enumerar”, “apresentar algo numa sequência”. Por sua vez, a palavra **geordnet**, ordenado, não tem significado cronológico. Ao contrário: quem conta a estória, assim como quem a escreve, reconfigura o tempo. *Erzählen*, contar, escreve Walter Benjamin, é algo que se vincula a tempos, ritmos e lugares. Para o “conto” — em alemão, *Erzählung*, é tão feminino quanto *Striuna*, a vadia — há um verbo: contar.

Contar é fazer.

Mas e uma **narrativa**? Atualmente na Alemanha, ambos os conceitos (conto e narrativa, *Erzählung* e *Narrativ*) têm sido usados paralelamente. Mas são diferentes. A palavra narrativa, em alemão, tem gênero neutro. *Das Narrativ*. E não é um verbo.

Mas o conto **é** algo. E quem conta **faz** algo. Já as narrativas são procuradas ou construídas. Eu pergunto: será que a Narrativa está devorando o Conto? Ou melhor: a ação de contar?

(6) No princípio era a palavra (*Livro de João, 1:1*)

E assim começam nossos contos primordiais:

No princípio era a palavra ... e tudo se criou através dela e nada se criou sem ela, pois ela é a vida. O som, as palavras e — com elas — a linguagem são constitutivas da existência humana. Entretanto, os antropólogos históricos dizem: “O ser humano não tem essência, o ser humano é um abismo”. Os psicoterapeutas completam: “A ambivalência não é uma doença, mas é o estado fundamental do ser humano”. Gunter Schmidt www.meihe.de. (E se quisermos mostrar o aspecto moral, chamaríamos este estado fundamental de “Pecado”) Dietmar Kamper aumenta um ponto: “Quem não se entende consigo mesmo, acaba se colocando sob pressão”.

E, por fim, escreve Rilke:

***“Eis o que é Destino:
estar em face do mundo
eternamente em face”***

[Rilke, oitava Elegia de Duino, Tradução provavelmente de Augusto de Campos]

(7) Contos são evocações do abismo

Entender-se. Portanto, falar. Deixar-se abordar.

“Língua
exausta da boca exausta
infinitamente a caminho
da casa do vizinho”.

[Johannes Bobrowski: *Sprache*. Tradução DNO]

Contar — para transpor tanto o grande abismo quanto as inúmeras pequenas fendas.

Contar — como *medium* para fazer com que os que falam e os que escutam se encontrem no meio do caminho, com que se cruzem entre duas margens, entre céu e terra, entre dia e noite — enfim “entre”.

Contos são cordas para a outra margem, na qual se transportam as colmeias, tais aquelas “Colmeias do Conhecimento” das quais fala Nietzsche. Contadores são barqueiros que, inclusive, podem nos levar do reino da vida ao reino dos mortos. Contos são como bolas que todos nós, trovadores, bobos da corte ou amantes, jogamos uns para os outros, para novamente agarrá-las.

“Cá estamos com espelhos:
um acolá — capta e reflete
um aqui — de prontidão
e é a imagem que nos reconhece.
Jogo de bola para os Deuses.
Apanhadores — é o que somos.,,

[Rilke: *Die Gedichte* 1922 -bis 1926 (Muzot, November 1923), tradução DNO]

E quem são os barqueiros, os equilibristas, desses “abismos verticais” entre o alto e o baixo? Walter Benjamin diz a exemplo do contador: “Ele escala pelos brotos da experiência como se fosse uma escada... que sai das entranhas da terra e se perde nas nuvens”. (S. 547) Num outro exemplo, Pythia: ela se senta num tripé à beira de um precipício e evoca as vozes da profundidade. Deus, anjos e profetas — por sua vez — habitam as alturas e e nos lançam de lá visões e vozes.

Nessa verticalidade, transporta-se também a história bíblica da “Queda”. Ela nos conta sobre a queda primordial do ser humano, que caiu das copas das árvores em direção ao pecado original. Redes, a propósito, não são nem verticais nem horizontais. Não estão na geometria da cruz, mas têm gingado e são envolventes. Por isso são tão perigosas.

E contadores lançam redes!

Os sedentários tiram suas histórias das profundezas da terra e, das fontes, trazem o passado de volta. O viajantes, por sua vez, tiram suas histórias de terras estranhas e pessoas estranhas. (Walter Benjamin)

(8) Texturas e textos

„Redes são inapreensíveis.“

As mulheres sempre foram consideradas especialmente aptas à produção de entrelaçamentos de todos os tipos. Nesse processo, elas se utilizaram de seus tecidos para para transportar, decifrar e re-contar textos. Um exemplo dos mais conhecidos: Athena e Arachné travaram uma competição para saber quem tecia melhor. Athena venceu, mas não exatamente pelo fato de ser mais a mais hábil tecelã. Não, venceu porque Arachne teceu mensagens **ocultas** em sua tapeçaria, mensagens sobre os crimes dos deuses. Como Athena estava do **lado** dos Deuses, condenou Arachne ao silêncio, transformando-a em aranha. Deste modo, até hoje Arachne está amaldiçoada a nos assustar, a nos espantar para que não a espreitemos em sua rede.

(9) Língua materna. A primeira Outra

No princípio era a palavra, não como portadora de conteúdo, mas como relação oscilante: no princípio era o som. (*Joachim-Ernst Berendt: Nada Brahma*). E em cada início, o que há é o som: já no útero, a vibração da voz materna alcança o filho. Língua mátria é o som primordial e o som da primeira experiência do Outro.

Através dessa experiência primeira, protetora e portadora, uma voz humana tem o poder se vincular a uma outra por toda a vida. Mas quem hoje nos conta isso? Às vezes são os mais velhos, mas não temos mais povos viajantes, de gente que espia o que temos no prato ou se presta a transpor abismos.

Sim, sim, claro temos hoje a nova mídia. No entanto, as vozes geradas ou filtradas por essas mídias atingem predominantemente nosso sistema neocortical, de modo que elas são limitadas em sua capacidade de produzir aquela certeza e segurança primordial, de uma fala que se dirige a nós de modo sensorial. A propósito, grandes oradores sabem disso e ainda hoje conseguem chegar até nós diretamente e em nossas “profundezas”... Isso nos remete novamente ao significado dos elementos afetivos nos grupos e redes. Para haver um vínculo emocional, os antigos contos ao pé da orelha ainda são a melhor opção.

(10) Conto e experiência

„A luz na qual vemos as coisas é sempre adquirida a partir de experiências rememoradas. Precisamos ter em conta que os contos não são algo puramente a posteriori, mas sim que as experiências que a eles remetem são, por sua vez, alimentadas pelos contos.” É assim que Jan Assmann, arqueólogo e egiptólogo, descreve a relação emaranhada entre Conto e Experiência. Tudo o que contamos e nos contam vem para nos transformar e dar cor às nossas próximas experiências. Tais experiências novas se transformam em novos contos que, mais uma vez, serão reincorporados nas experiências

dos contadores e contadoras, dos receptores e receptoras, alterando inclusive suas ações e visão de mundo.

Pensado de revés: cada conto se baseia numa experiência. Cada experiência se baseia num conto. Assim como na estória do ovo e da galinha. (Jan Assmann: Ägypten, eine Sinngeschichte. München 1996, S. 24)

(11) Conto e memória

„O interesse(iro) não tem memória, ele só pensa em si mesmo”. (Karl Marx)

Ou seja: nossa memória pertence ao domínio do altruísmo, do **vínculo** com os outros, com todo o grupo. A memória faz do humano um co-humano. E pertencimento é algo que se transmite através da capacidade de se lembrar.

Para que as experiências feitas por um grupo não sejam perdidas, elas devem ser transformadas de memórias individuais em memórias culturais. Uma receita disso consta no livro de Deuteronômio. Os filhos de Israel retornaram a Jerusalém do cativeiro babilônico, mas nunca deveriam esquecer as tristes experiências do exílio. Assim, instalou-se uma cultura da lembrança em todos os sentidos, criando narrativas enfatizadas por discursos em todos os lugares e principalmente:

— todos que estiveram lá deveriam se tornar um contador da estória:

“Deves valorizar nossa história às crianças e dela falar quanto estiveres em casa, quando estiveres a caminho, ao deitar e ao levantar”.

(12) Conto e singularidade ou — hermetismo e hermenêutica

Toda experiência de valor, solitária ou acompanhada, é antes de tudo hermética; tem uma cor singular e originária, pertence a um instante que jamais se repetirá. O conto dela gerado é uma tentativa de perpetuar, hermenêuticamente, esse instante único.

*— de explicitar
a dubiedade implícita
na unicidade.*

O momento originário de cada experiência, cada ideia, permanece contudo fechado hermeticamente.

(13) Conto, realidade e verdade

Cito Wilhelm Schapp: “Quem fala sobre o *homo narrans*, pensa **no** ser humano em sua capacidade de dizer tanto **sim** quanto **não** à realidade em que vive; moralmente dizendo: a mentir”. (O *homo narrans*, o homem contador de histórias é, neste sentido, uma resposta específica ao homem-abismo). Tomemos como exemplo um documento sobre a vida monástica no século 14, que não fala exatamente sobre a “realidade” daquela época, mas pode estar adaptado a certos interesses ou mesmo ter sido escrito posteriormente. Por ora, temos aqui uma história.

Serão os contos mentirosos? Será Marco Polo um mentiroso? Será mentiroso Hans Staden?

Essas perguntas são aporias, das quais nós contadoras só escaparemos se tomarmos a “verdade” ao pé da letra: a palavra alemã **Wahrheit** era escrita inicialmente sem o “h”, ou seja, não tem a ver com verdadeiro ou falso, mas sim com percepção, **Warnemung, awareness, estar atento**. Também está aparentado a verve e cor (*Verve & Farbe*) e define, com isso, algo apaixonante e estonteante, uma vivacidade colorida. Em vez de “*Dichtung und Wahrheit*” (*Poesia e verdade*, com Goethe), deveríamos dizer com Dietmar Kamper “Conto e paixão” („*Erzählung und Leidenschaft*“).

(14) Conto e realidade

O jurista e filósofo Wilhelm Schapp, que já citei sobre a “liberdade de mentir”, escreveu uma trilogia entre 1953 e 1965, que ele chama de “Filosofia de **estórias**”. Sua tese principal é de que tudo é **estória**. “Somos constituídos por histórias e em histórias nos construímos. Elas são a única realidade que temos.”

Tal posição encontra opositores. Cito aqui um ensaio de Markus Pohlmeier: “A crítica a essa abordagem culmina, entre outras coisas, em vozes preocupadas e desesperadas da teologia, que querem sim que exista algo além de histórias”. A partir desse desespero dos teólogos, Pohlmeier dá o próximo passo: Aqui reside o medo de qualquer ideologia política ou religiosa, de que a pluralidade sentidos liberte da univocidade sufocante”.

Ele ainda diz: O conto parece habitar um caos criativo e anárquico. Contar histórias sobre contar histórias é dizer, em consciência, o que significa ser humano. Significa reconhecer-se fragmentário. Nunca ter um destino final. Mas, no caminho, descobrir algo maravilhoso e fascinante — e trazer para uma conversa. <http://culturmag.de/litmag/essay-markus-pohlmeier-ueber-wilhelm-schapp/92417>

(15) O conto resistirá à ascensão da narrativa?

No início dos anos 80, foram desenvolvidas várias abordagens de pesquisa e ação para contar histórias: pesquisas sobre *life events*; trabalhos biográficos, relatos de testemunhas oculares e suas avaliações científicas. Na Alemanha, também há raízes disso na tentativa de compreensão do fascismo: são as entrevistas agressores no pós 1945, assim como o movimento de testemunhas.

Ainda assim, existe ali um propósito específico. Portanto, não é algo que vem para despertar tanto o conto, mas algo que — atualmente na Alemanha — nos aproxima muito mais do que chamo aqui de “narrativa”. Em meu dicionário etimológico de 1995, o termo **narrativa** (um estrangeirismo) nem existe, mas hoje a Wikipedia tem definições claras. **Narrativa** seria, entre outras coisas, “contos que conferem sentido” e que alcançam seus destinatários pela emoção. Essa concepção de narrativa, em termos de aplicações técnicas e de mercado, tornam-se cada vez mais pesquisadas em universidades. (Michael Müller, Petra Grimm: Narrative Medienforschung)

(16) Erzählen global, digital?

O conto, segundo Walter Benjamin, precisa de um lugar a partir do qual possa ser contado. É algo que diz respeito a ritmos e à fluidez do tempo. Mas o que fazer sob as atuais condições de “o tempo todo e em todo lugar”? O que fazer quando se perde a fronteira entre privado e público, entre interno e externo?(*Harald Welzer, Vilem Flusser*)

O que fazer quando a aceleração atingir todos os setores da vida?(*Hartmut Rosa*)

E se continuarmos precisando de muita flexibilidade para nos reposicionarmos constantemente? E se tivermos que nos tornar cada vez mais ativos na conquista de um “este sou eu”, uma espécie de manto de identidade no qual podemos nos mover com segurança, tanto física como digitalmente? E se, ao mesmo tempo, tivermos que otimizar nossa aparência? Não sei se para isso precisamos tanto de nervos e músculos, mas precisamos de narrativas eficientes. E essas narrativas precisam, por sua vez, de mídia. Elas não fazem questão da língua materna em seu significado arcaico. Narrativas precisam somente de receptores no neocortex.

(17) A morte é necessária ao conto?

Estamos — quase — no fim. E mais uma vez com Walter Benjamin:

Ele nos diz que, no século 19, teve início um processo visando excluir a doença e a morte dos nossos espaços, ou seja, do nosso círculo de percepção sensorial. No entanto, os contos surgem da experiência sensorial e temporal. Caso expulsemos a morte do nosso

campo perceptivo e fizemos de conta que ela não existe, também os contadores perderão sua legitimidade.

(18) No princípio era a palavra. E, no fim, a Bíblia

Será mesmo que o conto irá morrer e dar lugar à devoradora narrativa?

Talvez a pergunta não esteja bem formulada.

Stephen Greenblatt, em seu grande livro *Ascensão e queda de Adão e Eva*, analisa as razões pelas quais os estudiosos da comunidade judaica, no final do século 6 a.C, começaram a escrever uma de nossas maiores narrativas, a Bíblia. O motivo foi a já mencionada volta dos filhos de Israel do cativeiro babilônico — onde a fé em seu deus provavelmente tinha vacilado, conheceram outros deuses, e havia a ameaça de que outros deuses adentrassem a Terra Nova ...

Greenblatt chama este grande projeto, que investe tudo em um Deus único para fundar uma história do povo de Israel, de “O sonho de um novo texto mestre”. Cito: “Como é possível destruir uma fé profunda? Basta alterar o conto” (p. 47). Neste caso, a Bíblia teria sido uma antiga, talvez a primeira grande narrativa (e não um conto).

É possível, assim, que as narrativas — no sentido de discursos destinados a objetivos específicos — tenham sempre existido e compartilhado o mesmo espaço com o contar, que não tem pretensão de verdade tampouco de utilidade. Então, tudo dependeria de não nos deixarmos emaranhar por narrativas (como discursos) — a menos, sabe-se lá como, que comecemos a tecer **outros** tipos de narrativa.

Obrigada pela audição!